

**“Apesar de vocês...”:
Os gays velhos pelo *Lampião da Esquina* (1978-1981)**

FÁBIO RONALDO DA SILVA¹

Uma breve introdução ou acendendo o fósforo

Sabe-se que a história é feita de descontinuidades e rupturas e são as fissuras do tempo que movem e dão lugar ao historiador e são nessas fissuras, por exemplo, que buscamos aqui apresentar algumas formas de como os gays velhos passaram a ser retratados pela mídia voltada para o público homossexual desde o final da década de 1960, quando surge a primeira publicação voltada, especificamente, para homossexuais masculinos, mas tomaremos como ponto inicial o periódico *Lampião da Esquina*, na época primeiro e único jornal voltado para o público homossexual que teve distribuição em todo o Brasil e teve a primeira edição lançada em 1978. São com as publicações produzidas pelos próprios *bichas* que estes começarão a criar, construir, inventar uma imagem bastante diferente daquela produzida pela mídia oficial na qual só apareciam em matérias sobre carnaval (diversão) ou em matérias policiais (criminosos). Foucault (1996) relata suas principais reflexões e pesquisas sobre como os diversos discursos encontrados em dada sociedade, ou em grupo social específico, exercem funções de controle, limitação e validação das regras de poder desta mesma sociedade. O autor inicia seu pronunciamento com um paradoxo: Como falar sobre o discurso tendo-se de empregar o próprio discurso para desvendá-lo?

A essência de sua crítica à ordem do discurso refere-se aos procedimentos que visam o controle do que é produzido, por quem é produzido, e de como se distribuem os discursos. Em um dos conceitos debatidos pelo autor, ele nos indica que não há harmonia entre o que o discurso diz representar e os possíveis objetos e conceitos externos que possam existir ou que têm a “possibilidade de verdade”. O mesmo se aplica ao que era produzido pelos jornais e revistas das mídias tradicionais sobre os homossexuais, sendo necessário que houvesse um “cuidado de si” com a criação de publicações feitas e próprias para os mesmos. O discurso está inserido nos encadeamentos sógnicos de outros discursos, o que nos dá à impressão de continuidade e/ou de evolução, aprofundamento progressivo desses discursos.

¹ Doutorando em História pela UFPE. Mestre em História pela UFCG. Bolsista CNPq. E-mail: fabiocg@gmail.com

Mas para que uma publicação direcionada a pessoas que, naquela época, em específico, eram consideradas “invertidas”, dentre outros sinônimos pejorativos, pudesse ser publicada, ainda mais num momento no qual o país vivenciava o período ditatorial, onde determinados temas ou assuntos eram tabus e, quando a imprensa, em específico, fazia isso geralmente o material divulgado (revista ou jornal) era apreendido? O surgimento da mídia voltada para o homossexual não está desarticulado do surgimento dos locais de sociabilidade bem como na própria tentativa de criação de um “movimento gay” brasileiro.

Antes de 60, o que se podia ler sobre homossexualidade estaria em relatórios médicos, boletins ou páginas policiais e em matérias jornalísticas sobre o carnaval. Fora a literatura brasileira que já trazia, timidamente, alguns personagens masculinos que se interessavam sexualmente por outros homens, o primeiro registro de um personagem que sentia desejo pelo mesmo sexo na imprensa é atribuído ao periódico *Rio Nu*² que, provavelmente, trouxe em 1914 um suplemento chamado *Contos rápidos* e que era vendido separadamente, sendo a primeira publicação jornalística a publicar um texto que fala sobre a prática sexual entre dois homens. O texto chama-se “O menino Gouveia” e narra a experiência sexual do “grumete” Bembem que tinha entre 13 e 14 anos, e sentia o desejo de ser penetrado pelo tio. Como isso não ocorre, o jovem sai de casa e encontra um “Gouveia”³ no Largo do Rocio, como também é chamada a Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, e com ele tem uma experiência sexual. O conto reforça alguns estereótipos onde o homem mais velho, o “velhote”, o “fanchono” é o ativo e o mais jovem é o frágil e passivo.

É válido destacar a sinopse que o jornal trazia para quem tivesse interesse em comprar *Contos Rápidos* com a história do jovem que cai nas mãos da “tia”, como poderemos ver na edição 01581: “O Menino Gouveia - n. 6 dos *Contos rápidos*. Narração minuciosa da vida de um pequeno que caiu nas unhas do Gouveia” (RIO NU, 1914:06). Os “mariconas” aparecerão nas revistas assim, sempre de forma “eventual”. Mas, por mais que se deseje apagar esses corpos eles resistem e acabam virando notícia nas páginas das publicações voltadas para o público gay. O corpo do homossexual velho será “apagado”, induzido de volta ao armário, pois não é um corpo liso, que se deseja e que provoca desejo.

² A revista *Rio Nu* foi uma publicação erótica que foi publicada no Brasil de 1898 a 1916 e trazia a cada nova edição mulheres seminuas contos eróticos e colunas de fofocas.

³ Gíria que na época indicava “tias” que tinha atração por pessoas mais jovens.

“O amor que não ousa dizer o nome” vai às ruas ou um *Lampião é aceso*

O surgimento do mercado de revistas eróticas e pornográficas no Brasil ganha corpo com a segmentação que ocorre no mercado desse tipo de mídia impressa, a partir da década de 1960, no qual o processo de produção começa a deixar de ser algo massificado para ser de públicos específicos. Assim, no país que publicava revistas para um público não específico, como a *Cruzeiro*, *Realidade*, *Manchete* e *Veja* – periódicos que estavam mais preocupados em mostrar o Brasil que os brasileiros não conheciam -, passa a produzir magazines para o público feminino, a exemplo da *Cláudia* (1961) e *Nova* (1973), e para o público masculino, *Quatro Rodas*⁴ (1960).

No final da década de 60, mesmo não sendo a pioneira no assunto⁵, a *Playboy*⁶ passava a ser publicada no Brasil pela Editora Abril. Com certo “abrandamento” que ocorre durante a Ditadura Militar na década de 80, existiam quase 200 títulos de revistas eróticas ou pornográficas circulando pelo país, quase todas voltadas para o público heterossexual masculino. Mesmo com o surgimento de alguns periódicos voltados para o público gay entre as décadas de 60 e 70, poucos tiveram circulação nacional e quase nenhum deles tinha como foco o erotismo e/ou pornografia.

Pode aqui ser dito que as primeiras publicações voltadas para os *entendidos* “sai do armário” e vai para as ruas no ano de 1963 com a criação do jornal *Snob* que tinha como slogan “um jornal informativo para gente entendida. Um jornal para gente do bem. Um jornal para você que é de bom gosto” e era editado pelo pernambucano Agildo Bezerra Guimarães⁷. Criado como forma de protesto pela a escolha de um “júri de bofes” para avaliar as roupas das “bonecas” que se vestiram representando cada região do país, Agildo Guimarães cria esse periódico que era mimeografado, circulou no Rio de Janeiro e foi publicado no período de

⁴ Primeira revista de automóveis do mercado editorial brasileiro. A revista chegou para inovar o jornalismo, com o principal propósito de atingir o público masculino, falando sobre carros e turismo.

⁵ Na época já circulavam no país as revistas *Status* e *Ele e Ela*.

⁶ Lançada originalmente nos Estados Unidos em 1953.

⁷ Participou do coletivo Turma OK, o primeiro grupo de militância gay do Brasil

julho de 1963 a junho de 1969. Considerado o primeiro periódico voltado para tal grupo, o *Snob* contribuiu para que outros jornais fossem criados em diferentes cidades do país⁸.

Sobre as publicações destinadas aos homossexuais masculinos no Brasil, é importante mencionar que, por muito tempo, o que era produzido não era feito por eles, “foram raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho sobre a sua condição, pelo menos até os anos 1960” (GREEN, 2006:17).

O surgimento de *O Snob* foi bastante importante para o nascimento da chamada “imprensa alternativa⁹” voltada para os “entendidos”, pois foi a partir dele que outros jornais, durante os anos 60 e 70, passaram a ser produzidos não apenas no Rio de Janeiro, mas em várias regiões do país, dentre eles *O centro*, *Darling*, *Gay Society*, *Baby*, *Lê Sophistique* e *Entender* (GREEN, 2006:156). A grande maioria composta por “jornaizinhos” artesanais, alguns feitos a mão e com tiragem de uma única edição, eram distribuídos de mão em mão e os autores geralmente se escondiam sob pseudônimos. A existência de publicações desse tipo possibilitou, em 1967, a fundação, no Rio de Janeiro, da Associação Brasileira de Imprensa Gay, que teve como diretores Agildo Guimarães e Anuar Farah. Todavia, esta Associação durou até 1968 e encerrou as atividades devido a atmosfera política do governo militar do general Garrastazu Médici. Como afirma Green (2000:281),

A publicação informal O Snob e os seus imitadores pararam, de circular porque seus editores temiam ser confundidos com grupos clandestinos de esquerda que estavam sendo brutalmente reprimidos naquele momento. A censura moralista do governo militar limitava referências à homossexualidade na imprensa.

A publicação, que surgiu como uma forma de protesto por brincadeira teve 99 edições e uma edição retrospectiva. O jornal tinha entre trinta a quarenta páginas e trazia ilustrações, colunas de fofocas, concursos de contos e entrevistas com os travestis que eram famosos na época. Raramente esse periódico discutia questões políticas em suas páginas como menciona Green (2000).

⁸ Ver GREEN, James; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.

⁹ O primeiro periódico considerado como o primeiro jornal alternativo foi o *Pasquim*, lançado seis meses após o AI-5. O jornal ficou conhecido pelo deboche e contestação que fazia ao momento político que o país vivenciava naquele momento.

Dentre as publicações que caracterizaram a chamada imprensa alternativa, da qual o jornal carioca *Pasquim* foi o representante pioneiro, e ainda, surgiu, em 1978, o *Lampião da Esquina*, produzido por jornalistas, artistas e intelectuais, que se lançou como questionador da moral vigente.

O número zero do *Lampião da Esquina* foi publicado no Rio de Janeiro em abril de 1978¹⁰, época de abertura política e a ditadura militar já estava próxima do fim. Como nos lembram Albuquerque e Ceballos (2002:308),

além das mudanças de que fala a grande imprensa, esse ano é marcado, também, pelo surgimento da chamada imprensa "nanica" ou alternativa, ainda muito ligada aos grupos de esquerda, que estavam saindo da clandestinidade a que o regime os havia submetido. É um momento, portanto, em que no campo da mídia, notadamente da mídia impressa, novas temáticas estão emergindo, novos sujeitos sociais começam a ser construídos, em que o que antes parecia inexistir ganha visibilidade.

E já no primeiro editorial, o *Lampião* manifestou a ênfase no propósito de criação de um jornal voltado para homossexuais como forma de negar o gueto, de dar voz a uma minoria discriminada e de derrubar estereótipos associados à homossexualidade, como pode ser visto no editorial intitulado "Saindo do gueto",

Brasil, março de 1978. Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia; uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

A resposta mais fácil é aquela que nos mostrará empunhando uma bandeira exótica ou "compreensível", cavando mais fundo as muralhas do gueto, endossando - ao "assumir" - a posição isolada que a Grande Consciência Homossexual reservou aos que não rezam pela sua cartilha, e que convém à sua perpetuação e ao seu funcionamento.

Nossa proposta, no entanto, é esta: é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que desejaria ter.

Para acabar com essa imagem-padrão, LAMPIÃO não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia

¹⁰ No Brasil, neste mesmo ano, surgiram o Movimento Negro Unificado, o Movimento Feminista começava a ganhar mais força no país, além dos primeiros núcleos do movimento homossexual no país. (Fry, 1983).

hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. A essa minoria, não interessam posições como as dos que, aderindo ao sistema - do qual se tornam apenas "bobos da corte" -, declaram-se por ledro engano, livres de toda discriminação e com acesso a amplas oportunidades; o que LAMPIÃO reivindica em nome dessa minoria é não apenas se assumir e ser aceito - o que nós queremos é resgatar essa condição que todas as sociedades construídas em bases machistas negou: o fato de que os homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal [...] (LAMPIÃO, 1978: 02).

Periódico de circulação mensal, tinha o formato tablóide contendo 20 páginas ilustradas com desenhos, caricaturas e fotografias. O *Lampião* teve tiragem inicial de 10 mil exemplares e, em pouco tempo, passou a ter 15 mil exemplares vendidos. Eram responsáveis pela publicação os jornalistas Aguinaldo Silva, Adão Costa, Antônio Chysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, Francisco Bittencourt, além de Jean-Claude Bernadet (cineasta), João Silvério Trevisan (cineasta e escritor), Peter Fry (antropólogo) e Darci Penteado (pintor).

Tanto quanto narrar a situação social e política de um grupo em determinada época, um jornal ou revista, por exemplo, voltados para determinado público, seleciona os temas e assuntos que orientam e, de certa forma, fundamentam a constituição e o fortalecimento de identidades dos grupos aos quais se destinam.

Mesmo tendo como público-alvo, consumidores jovens e trazendo em suas páginas um grande volume de matérias e reportagens direcionadas para esse público, é possível perceber que, por mais que se busque “apagar” o corpo velho e seus respectivos donos, eles estarão aparecendo em algumas edições dessas publicações, seja através de entrevistas, em matérias sobre saúde e solidão, por exemplo. Então, além de perceber esse tema, por mais que esses periódicos deem pouco espaço em suas páginas para tal assunto, é importante perceber ainda onde o mesmo estará, isto é, em que páginas estarão as notícias, as reportagens ou as entrevistas sobre/com homossexuais velhos. Tal assunto estará ligado a quais outros?

Barros (2013) ressalta que todo documento, independente do período em que foi produzido, responderá a questionamentos feitos no tempo presente, e sugere algumas questões

importantes ao se trabalhar com fontes históricas. Dentre as indicações, destaca-se a descrição e o contexto tanto da produção da fonte, quanto o contexto que esta fonte remete.

Como lembra Capelato (1981:118), a mídia impressa não pode ser vista apenas como um “espelho de uma dada realidade”,

como um nível isolado da realidade social na qual se insere, mas que ela representa, fundamentalmente, um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social, pensando ainda, como indicou Gramsci, que, muitas vezes as funções desempenhadas por um jornal, atuando como uma força dirigente ou orientadora, pode se equiparar, ou mesmo ultrapassar as funções desempenhadas pelos partidos políticos.

É importante mencionar aqui que, *a priori*, tem-se como fonte de pesquisa e análise publicações produzidas pela mídia impressa que, há bem pouco tempo era pouco valorizada pelos historiadores. De acordo com Luca (2005), o uso de periódicos, seja como fonte ou como objeto de estudos históricos, em princípio, não foi ou não recebeu grande atenção dos historiadores no começo do século XX, especificamente até a década de 1930. De acordo com o ponto de vista do positivismo, todos os documentos deveriam possuir objetividade, neutralidade e credibilidade; estariam, assim, prontos e acabados bastando transcrevê-los para se obter uma “história verdadeira” e absoluta. É importante lembrar que, para a Escola Positivista, documento não era qualquer registro escrito, mas apenas o oficial, visto que, os documentos passíveis de utilização pelo historiador seriam apenas aqueles que fossem originados de autoridades constituídas.

A mídia impressa passa a ser percebida pelos *Annales* como fonte e objeto de estudo, possibilitando variados objetos, problemas e abordagens e, através desses, vários caminhos que possibilitam a construção essencial desse tipo de História puderam ser percebidos.

Todavia, Luca (2005) alerta que, ao se utilizarem jornais ou revistas como objeto de investigação histórica, cabe ao pesquisador perceber que a imprensa é fonte de veiculação de interesses e de intervenção na vida social, uma vez que esses veículos de comunicação falam por um grupo e para um outro grupo, logo, possuem uma posição ideológica dentro da realidade política e social na qual estão inseridos. A autora ainda alerta sobre a necessidade de se verificar não apenas o que esses documentos dizem, mas como dizem, sendo importante e necessário serem feitas críticas internas e externas desses documentos, isto é, cabe ao

pesquisador analisar para quem se escreve, por que se escreve, localizar o público alvo daquele jornal ou revista, constatar a organização estética do periódico, os editores e proprietários e como se relacionam com o poder e suas instituições.

Muitos dos idealizadores do jornal eram os mesmos que participariam do SOMOS, o que permitiu que se estabelecesse uma forte identificação entre *Lampião da Esquina* e esse grupo. Apesar de servir como forma de comunicação entre os grupos, o jornal se dizia autônomo em relação ao movimento e seus encarregados objetivavam atingir não só os homossexuais, mas todas as pessoas interessadas em discutir a sexualidade. Além disso, pretendia discutir questões referentes a outros grupos minoritários discriminados, como as mulheres, os negros e os índios. Entretanto, o foco central das reportagens e matérias publicadas pelo jornal estavam direcionadas aos homossexuais masculinos, mas isso não excluía a publicação de matérias sobre o movimento feminista, lesbianismo e questões sociais e culturais daquele Brasil que vivenciava o período ditatorial.

Mesmo a homossexualidade não sendo mencionada no Código Penal Brasileiro, no final da década de 1970 foi instaurado um inquérito policial contra o jornal *Lampião* e os editores foram acusados de infringir a Lei de Imprensa, contrariando os bons costumes e a moral dos cidadãos. Devemos lembrar que nesse período ainda estava em vigor o Ato Institucional Nº 5, considerado um dos mais castradores no tocante a liberdade de expressão, fosse essa de qual tipo fosse. De acordo com Green (2000), em 1978 vários intelectuais, pessoas conhecidas do meio artístico e cultural, o Sindicato dos Jornalistas e a Associação Brasileira de Imprensa denunciaram a investida do governo por querer investigar o *Lampião* por ofensa a “moralidade pública”. Integrantes do SOMOS formaram uma comissão em defesa do periódico e fizeram circular uma petição contra a ação do governo. Essas ações contribuíram para que os militares retirassem as acusações contra os editores do jornal que encerraria as atividades em 1981, com a edição de número 37.

A velhice iluminada pelo *Lampião* (?)

Apresentando figuras que antes eram mostradas como personagens cômicas do carnaval ou “aberrações”, seres “anormais” e “doentes” como eram entendidos os homossexuais, o

Lampião da nova visibilidade e, por que não, dizibilidade a homossexualidade que, para alguns editores deste periódico, deveria ser assumida e vivenciada sem vergonha. Essa outra forma de mostrar e dizer a homossexualidade pode ser vista em matérias, cartas dos próprios leitores do jornal, entrevistas e artigos. Para homossexuais o melhor lugar era fora do armário e não nos guetos. Mas como essa publicação dizia e mostrava a velhice?

Sabe-se que apenas em 1994 foi implantada no Brasil uma política nacional para as pessoas idosas, entretanto, esse grupo populacional já tinha, de forma bastante tímida, uma “proteção” em alguns artigos dos Códigos Civil (1916), Penal (1940) e Eleitoral (1965) e em vários decretos, leis e portarias que, por questão de espaço, não é possível trazer aqui.

A década de 1970 ocorrerá significativos direcionamentos com relação a velhice. Em 1975, por exemplo, surge, por iniciativa do INPS, o PAI (Programa de Assistência ao Idoso) que consistia na organização e implementação de grupos de convivência para idosos previdenciários nos postos de atendimento do INPS. No ano de 1976 foram realizados em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza, seminários regionais para se debater a questão da velhice e “apresentar as linhas básicas de uma política de assistência e promoção social do idoso”, culminando no seminário nacional que ocorreu em Brasília, esses seminários foram realizados com o apoio do Ministro da Previdência e Assistência Social, Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva (RODRIGUES, 2001¹¹). Após a reforma da Previdência, ocorrida em 1977, é criado o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS) sendo a Fundação Legião Brasileira de Assistência a responsável pelo atendimento ao idoso em todo o país.

Esses programas, leis, decretos e portarias tinham como meta atingir todos os idosos, independente de orientação sexual, gênero ou etnia. Mas se nos centrarmos em um veículo de comunicação voltado para os homossexuais, em específico, como esses velhos serão mostrados e percebidos?

Das 37 edições do *Lampião*, 18 fizeram menção as “mariconas” ou a velhice. Não existe nenhuma matéria especificamente que vá discorrer sobre o assunto, tal tema aparece de soslaio, seja através de cartas (na seção *Troca-troca*), comentários sobre filmes em que há um

¹¹ <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/viewFile/4676/2593>

personagem gay idoso, enquetes, ou matérias onde tal assunto é mencionado, como é possível perceber no mapeamento que segue.

Ano	Edição	Título	Resumo da matéria
1978	Edição 00	Ritual de amizade da TV	Texto sobre cinema e solidão, onde é citado o filme “Morte em Veneza” que traz a história do “velho músico que se apaixona pelo jovem Tadzio”.
1978	Edição 03	A difícil arte de ser gay	Matéria sobre cinema, onde Marcelo Mastroianni fala sobre “Um dia muito especial” onde vive um personagem gay que está envelhecendo e que tem medo de perder a beleza. Na matéria há ainda o relato de Paul Newman que procura um produtor para um filme onde ele vive um personagem gay.
1978	Edição 03	Novas histórias de amor (III)	Artigo de opinião sobre monogamia em relações homo. Durante o texto, é citado um casal “de meia idade” que vive na Alemanha onde um é mais afeminado e o outro é mais masculino.
1979	Edição 10	Estrelas mil na Galeria Alaska	Matéria sobre as mudanças ocorridas na Galeria Alaska, que inaugurou um teatro com show de Ney Matogrosso, atraindo pessoas de diferentes idades, inclusive “bichas de 457” anos.
1979	Edição 18	Coluna Esquina – Escolha o seu roteiro	Matéria que, a cada nova edição do Lampião, indica os roteiros da capitais brasileiras. Em Londrina, no Le Monde, bar de música ao vivo, é muito frequentado por “sapatões, bichas pintosas, cocotos e cocotas e senhores e senhoras”.
1980	Edição 21	Bichas: Já para cozinha / Um candidato ao emprego se explica	Matéria sobre um anúncio de emprego para gays. O emprego seria para fazer serviços domésticos. Ao conversar com um candidato a vaga, o mesmo fala que se o gay for efeminado torna-se mais difícil conseguir a vaga. Um amigo dele não foi aceito em um emprego por ser efeminado, mas no dia seguinte viram o “chefe” “pegando um mais bicha do que ele”. O chefe, apesar de 35 anos era um “coroa”.
1980	Edição 22	Carnaval das bichas: o maior do mundo	Matéria falando sobre o carnaval do Rio de Janeiro, das fantasias e dos enredos. Ao falar sobre a escola Unidos de São Carlos, menciona que “uma bicha de 800 anos, vestida de bispo da Igreja Bizantina (...) caiu de cara no chão...”
1980	Edição 22	--	Seção “Troca-troca” há dois anúncios de rapazes que querem conhecer pessoas com mais de 40 anos. No primeiro: “Garçon, 22 anos, branco, gostaria de conhecer senhor acima de 50 anos que seja guei ou não, mas que tenha esperanças e que ainda acredite no amor para começar tudo de novo.”
1980	Edição 22	Querido vovô	Leitor, com 65 anos, escreve falando o quanto está decepcionado com a posição do Papa João Paulo I sobre a não aceitação da homossexualidade perante a igreja Católica.
1980	Edição 23	Seção Troca-troca	Anúncio de um senhor de 40 anos que quer conhecer rapazes simpáticos e bem dotados para um relacionamento.
1980	Edição 24	Seção Troca-troca	Dois anúncios de homens com 40 anos que busca pessoas mais jovens para um relacionamento.
1980	Edição 25	A morte de Luisa Felpuda	Matéria sobre a morte de Luiz Luzardo Corrêa (58) – Luisa Felpuda – e do irmão Luidoro Luzardo Corrêa, assassinados pelo michê e ex-soldado do exército Jairo Teixeira Rodrigues (19). O crime recebeu pequena cobertura da imprensa de Porto Alegre.
1980	Edição 25	Recife: “Bamba” assassinado	Matéria sobre a morte do pianista Ever Lemoine Silva (40) – “Bamba”- que foi assassinado por João Batista da Silva Neto, filho de um policial, que tinha um caso com Bamba. Após o assassinato, ele roubou objetos pessoais da vítima. João Batista foi preso logo depois que praticou o crime
1980	Edição 25	Seção	Pessoa com 43 anos procura outra com menos de 30 anos para

		Troca-troca	relacionamento.
1980	Edição 26	Seção Cartas na mesa / Coroas podem?	Leitor de 49 anos reclama sobre a ausência de publicidades para pessoas mais “velhas” nas publicações voltadas para os homossexuais.
1980	Edição 27	Seção Troca-troca	“SENHOR. 50 anos, aparência e espírito jovem, procura amizade sincera de rapaz ativo, bem dotado, que acredite no amor.”
1980	Edição 27	Seção Troca-troca	“PROFESSOR de nível universitário, solteiro, 48 anos, procura amigo, de preferência de Curitiba - PR, até 35 anos, solteiro, de profissão definida e que sinta necessidade de amizade e Intercâmbio cultural.”
1980	Edição 28	Recife: mais uma bicha executada	Matéria sobre Marcos José de Moura (40), Marquinhos, médico ginecologista, que foi assassinado com pancadas na cabeça. O assassino Marcos José de Moura, Marquinhos, afirma que conheceu o médico em 1979 e que, após matá-lo, roubou todos os seus pertences e o carro, que serviu para viajar junto com amigos, pelos estados vizinhos a Pernambuco.
1980	Edição 29	Seção Troca-troca	“PROCURO garotões peludos e bem dotados, que sejam do Rio ou SP. Sou gaúcho, 38 anos e boa situação. Quer passar um final de semana no sul, escreva-me, responderei as cartas que tiverem foto de nu frontal. Todas as despesas de avião serão pagas”.
1980	Edição 29	Seção Troca-troca	“ATLETICO, ativo, moreno-claro, 32 anca, simpático e agradável. Gosto de pessoas maduras, acima de 50 anos, que sejam carinhosas e que possam absorver meu carinho, que sejam discretos. passivos ou que possam topa alguns momentos agradáveis, sem contudo se sentirem constrangidos.”
1980	Edição 29	Seção Troca-troca	“ATIVO. Tenho 40 anos, não sou feio nem bonito, desejo corresponder-me com rapazes mais jovens, sem pinta, para algo além de uma boa amizade.”
1980	Edição 29	Peyrefitte fala (mal) do Vaticano, da Dietrich, de Sartre, de Pompidou...	Entrevista com o escritor Roger Peyrefitte (73), considerado na Europa Ocidental como um dos mais conhecidos escritores homossexuais.
1980	Edição 30	Um jovem michê pede a palavra	Entrevista com um michê, Rodrigo que, dentre as respostas diz que prefere transar com um travesti do que uma maricona de meia-idade e que cobra um pouco mais para fazer sexo com homens idosos.
1980	Edição 31	E agora, a tradicional "enquete"	Em um “especial” sobre masturbação, com algumas matérias e entrevistas, há a parte de depoimentos de algumas pessoas sobre a prática onanista. Alguns depoimentos: “Gilson, 40 anos - Bato punheta aos domingos, quando a solidão é maior. Agora estou procurando alguém que queira bater pra mim. Vocês conhecem alguém?” “Nélson, 42 anos: Bom, eu me masturbo atualmente porque tenho um problema em casa, minha mulher nem sempre está a fim. Mas eu acho uma coisa normal, inclusive, sei de outros homens casados que também se masturbam.” “Hermógenes, 60 anos - O que mais pode fazer um velho como eu e que perdeu a mulher faz tempo? É claro que eu toco punheta, mas para mim é tudo muito complicado. Moro com a minha filha e durmo no mesmo quarto com o neto. Tenho de esperar que ele durma ou usar o banheiro. Mas sempre tem que ser rápido.”
1981	Edição 33	Seção Troca-troca	“VIAJADO, culto, 40 anos, boa situação sócio-econômica, discreto, procura jovem ativo, muito bem dotado, de qualquer raça ou credo, que seja gente.”

1981	Edição 34	Seção Troca-troca	“HOMENS MADUROS —Moreno claro, 29 anos. 1.80m. 85 kg, cabelos e olhos castanhos, simpático, amante de livros e músicas, procura contatos corri homens maduros, entre 35 e 60 anos. Charmosos e ativos, para amizade e transa. Sigilo absoluto.”
1981	Edição 34	Memórias de guerra	Aguinaldo Silva fala sobre quando saiu do jornal Última Hora e, por não conseguir outro emprego, teve que morar numa birosca e fala sobre alguns moradores, dentre eles “uma bicha velha que era visitada uma vez por semana por um garotinho. Mesmo sabendo que o jovem não o amava, a “bicha velha” dizia que “era a única coisa que ele tinha”.
1981	Edição 36	As tias	Matéria sobre a peça “As tias” de Aguinaldo Ribeiro que traz a história da dona de um casarão e “quatro bichas de meia idade”. No enredo, é discutida questões como a família burguesa, sobre a incomunicabilidade das relações humanas, dentre outros temas.
1981	Edição 37	O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem?	<p>Enquete lançada tendo como base evento ocorrido no filme “Parceiros da noite”, dentre as respostas, destacam-se: “- Meu marido não me beija há seis anos. Pra falar a verdade, de não me toca há exatamente dois meses e treze dias. Eu tou me sentindo muito infeliz, muito mal amada. Como estou morando aqui em Vila Isabel, já quis até entrar pro Grupo Auê, mas ai soube que de foi desativado por cansaço ideológico. Além disso, eles não iam mesmo resolver meu problema, né? A não ser que me arranjassem um marido novo, mas um amigo meu me disse que o pessoal do Auê só casa heterossexualmente!, cruze , Então, se eu visse meu marido beijando outro homem, acho que me suicidava; ou matava os dois; sei lá! (José de Arimatéia, 43 anos, vitrinista do Boulevard).</p> <p>“- No meu tempo beijo na boca só se fosse muito escondido, tinha um sabor mais gostoso, de pecado. Hoje em dia não, essa garotada vive se beijando na rua, um horror. Eu sou casado há 16 anos com o Arnaldo, e quando a gente se beija na boca é como se fosse um beijo de irmão. (Fernandes Maciel, oficial da Marinha Mercante, 50 anos)</p>

Com esses resumos de anúncios, matérias, cartas e artigos trazidos pelo *Lampião da Esquina* é possível ter uma ideia de como a velhice era mostrada e dita pelos que faziam o jornal onde, para os homossexuais velhos caberia a solidão ou, quando muito, viveria uma relação afetiva pautada no bom comportamento e na sublimação do desejo que só deveria ser vivenciado quando jovem, mesmo assim, de forma discreta e “escondida”, como se pode perceber no fragmento de uma resposta de um leitor sobre a enquete trazida na matéria “O que o senhor faria se visse seu marido beijando outro homem?”

No meu tempo beijo na boca só se fosse escondido, tinha um sabor mais gostoso, de pecado. Hoje em dia não, essa garotada vive se beijando na rua, um horror. Eu sou casado há 16 anos com Arnaldo, e quando a gente se beija na boca é como se fosse beijo de irmão (Fernando Maciel, oficial da Marinha Mercante, 50 anos)¹².

¹² *Lampião da Esquina*, 1981. Ed. 37, p. 03

É importante lembrar que, entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, a velhice é assumida, pelo discurso gerontológico, como um estado do sujeito, o qual passará por perda de habilidades físicas, cognitivas e sociais. “Longe de serem ideologias mentirosas, os discursos cartografam o que as pessoas fazem e pensam, sem o saber” (VEYNE, 2011, p. 51).

Mas haviam aqueles que, apesar da idade, desejava vivenciar um amor ou amores, por que não? E aqueles mais jovens que queriam um relacionamento com um homem mais velho.

Sexualidade e envelhecimento são temas que geralmente remetem à confluência e ao confronto entre cultura e corpo. Assunto que nos leva, invariavelmente, a considerar as tensões entre a construção social do corpo bem como sua degeneração. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que acabam se excluindo. O declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada estão entre as principais marcas e condições do envelhecimento que sustentam, em grande parte, o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração e, em contraposição, a avaliação positiva que se faz da juventude.

De acordo com Agra do Ó (2010), foi da passagem do século XIX para o século XX que começou a difundir-se a ideia de que a vida pode ser dividida em fases, em etapas, sendo a última fase a que estaria ligada à decadência. O que fosse velho e decadente deveria sempre dar lugar ao novo e à renovação. “A velhice e a juventude passavam por ser, no momento em que se abandonava o século XIX, mais do que uma maneira de catalogar pessoas, e se tornava uma espécie de metáfora explicadora do mundo [...]”, (AGRA DO Ó, 2010: 36).

É importante informar que neste periódico não há matérias que “ensinam” como evitar a velhice (que se tornará visível pelas marcas no rosto ou pelos cabelos brancos) para manter-se jovem e desejável – algo que será bastante enfatizado nas publicações que surgiram posteriormente e que são voltadas para tal público. Ou seja, o “ser gay” está ligado ao “ser jovem”, logo, a ideia do “ser jovem” não deve aparecer apenas no rosto, mas também no corpo que deve ser “sexy”, “gostoso”, “malhado”, “sarado”, “atletico” e “saudável”. Estar jovem e “na moda” será a “lei”.

É importante perceber o quanto, para os editores do jornal, as “mariconas”, as “senhores” ou “senhoras”, as “tias” ou “bichas de meia idade”, além de muito, mais muito velhas (457 a 800 anos) e, mesmo não sendo bem vindas continuavam existindo e se divertindo em locais onde deveriam estar apenas as “bichas” jovens. Na sociedade contemporânea, a idade ainda é um elemento-chave para a participação dos indivíduos na vida social. Ao mesmo tempo, essa sociedade produziu uma forte impressão de sobreposição das fronteiras etárias e uma ambiguidade na maneira como a idade pode ser usada ora para desqualificar, ora para promover. São pessoas pouco desejadas, como afirma o michê (edição 30) que prefere transar com uma travesti a uma “maricona de meia-idade” e quando isso tem que acontecer, ele cobra mais caro para fazer sexo com uma “bicha velha”.

Os velhos provocam escândalos quando manifestam os mesmos desejos. Sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Têm obrigação de dar exemplo e todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: desinteresse pelo infortúnio. A imagem sublimada que de si mesmos lhe é proposta apresenta-os como sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis, pairando muito acima da condição humana (...). Seja como for, quer por virtude, quer por sua abjeção, eles se situam fora da humanidade. Pode-se, portanto, sem o menor escrúpulo, negar-lhes o mínimo considerado necessário a uma vida de homem (BEAUVOIR, 1990: 8).

Mesmo assim, essas “tias” enviam cartas para o *Lampião* reclamando da ausência de propagandas voltadas para o público mais velho (edição 26) e, mesmo o periódico publicando matéria sobre a questão do “prazer solitário” (edição 31), possivelmente o único que ainda seria possível para as “bichas velhas”, várias missivas mostravam que não era bem assim, com os anúncios de leitores mais jovens que procuravam um homem mais velho para relacionamento e vice versa.

Mesmo estando inseridos de diferentes formas e momentos na história pela afirmação e visibilidade da identidade homoerótica, para os gays idosos, quase sempre, é oferecido o silêncio, o não-lugar, pois entre os vários preconceitos existentes entre os homossexuais, estão aqueles contra os que dão “pinta”, isto é, que possuem trejeitos femininos, e entre aqueles que são “bichas mariconas”. Dentro do próprio grupo que já é estigmatizado por grande parte da sociedade heterossexual, existem outros grupos que sofrem preconceitos por não serem viris, por serem gordos, velhos etc.

Nomeados pelos mais jovens como a “tia velha” - exageradamente afeminado, desprovido de atrativos e meio gagá, ou como o “tiozinho tarado”, capaz de atacar inesperadamente qualquer jovem “inocente”, os homossexuais idosos representariam uma das formas mais salientes de alteridade abjeta e excluída dentro da atual experiência “positiva” da homossexualidade masculina visível.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. In: AGRA DO Ó, Alarcon. *Velhices Imaginadas - Memórias e envelhecimento no Brasil (1935, 1937, 1945)*. Campina Grande: EDUFPG, 2010.

_____ ; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, Rick *et al.* *A escrita de adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lesbic@s no Brasil*. São Paulo, Xamã: NCC/SUNY, 2002.

ARAÚJO, Martinho Tota Filho Rocha de. *Identidades fragmentadas: cultura e sociabilidades homoeróticas em Campina Grande*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFCG em 2006.

BARROS, José d’Assunção. *Expansão da História*. Petrópolis –Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CAPELATO, Maria Helena. *O Movimento de 1932: a causa paulista*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1981.

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRY, Peter. *Para Inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 2006.
_____. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LUCA, Tânia Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACRAE, E. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

PERLONGHER, Nestor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RODRIGUES, Nara da Costa. Política Nacional do Idoso – retrospectiva histórica. Estudos interdisciplinar sobre envelhecimento, Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2001.

VEYNE, Paul. *Foucault: Seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.